

a ditadura adaptada
ao século XXI:
como os novos tiranos se reinventaram
sergei guriev e daniel treisman

Tradução de Jorge Colaço

Para Katia, Sasha e Andrei
— SG

Para Susi, Alex e Lara
— DT

ÍNDICE

Prefácio à Edição Brochada	11
Prefácio	21
Introdução	25
Capítulo 1: Medo e Manipulação	27
Primeira Parte: Como Se Faz	55
Capítulo 2: Disciplina, Mas Não Castigues	57
Capítulo 3: A Propaganda Pós-Moderna	86
Capítulo 4: Censura Razoável	111
Capítulo 5: Democracia para Ditadores	140
Capítulo 6: Pilhagem Global	163
Segunda Parte: Porque Acontece e o Que Fazer Acerca Disso	195
Capítulo 7: <i>Cocktail</i> de Modernização	197
Capítulo 8: O Futuro da Manipulação	222
Notas	251
Bibliografia	297

PREFÁCIO À EDIÇÃO BROCHADA

Alguns acontecimentos dramáticos provocaram uma reviravolta na política global desde que enviámos *A Ditadura Adaptada ao Século XXI* para a gráfica no início de 2021. Nesse verão, enquanto as tropas americanas retiravam do Afeganistão, as guerrilhas talibãs avançaram. Qualquer esperança de que pudessem ter amaciado com o tempo foi rapidamente dissipada. Na China, quando ocorreu a mutação do vírus Covid-19, o presidente Xi Jinping resolveu confinar milhões de habitantes das cidades nos seus apartamentos durante meses sem fim. Embora o objetivo fosse médico, todos os residentes de Xangai tentados a expressar discordância ficaram a saber o que era estar em prisão domiciliária. Em Hong Kong, o número de prisioneiros políticos duplicou desde meados de 2021.¹ No Cazaquistão, a suave transição de um autocrata para o autocrata seguinte foi temporariamente abalada por uma revolta violenta. De forma mais chocante, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, lançou o seu exército sobre a Ucrânia de forma brutal. Um líder que um dia se destacou por métodos de controlo subtis parece determinado a apagar um país vizinho do mapa.

Com todas estas notícias alarmantes, é justo perguntar se, há ano e meio, defendemos prematuramente que as ditaduras estavam a mudar do medo para o *spin*^{*}, à medida que as suas economias se modernizavam. Os acontecimentos recentes sugerem realmente uma inversão? Podemos estar enganados, mas pensamos que não. Apesar de certos casos de retrocesso, continuamos a ver a manipulação sofisticada como o caminho do futuro para os ditadores — e os últimos desenvolvimentos são consistentes com a

* O termo *spin* abre um pequeno leque de possibilidades de tradução: manipulação, dissimulação, enviesamento, *marketing* político. Optou-se pela hipótese mais abrangente e recorrente, a manipulação, até para manter a oposição sistemática, estabelecida ao longo do livro, com o medo. De qualquer modo, os outros equivalentes possíveis estão presentes em maior ou menor grau na manipulação. (N. de T.)

história que contamos acerca de como uma nova estirpe de ditadores, com as suas técnicas inovadoras, têm ascendido (e ocasionalmente caído) por todo o mundo. Os acontecimentos presentes mostram o quanto é importante para o Ocidente fazer mais para os combater.

A manipulação e a dissimulação estão longe de estar em declínio. O presidente do Cazaquistão, Tokayev, após esmagar pela força o levantamento de janeiro de 2022, rapidamente regressou à manipulação, defendendo uma reforma constitucional «democrática» que — de forma mais relevante — reduziu a influência do seu antecessor. A evolução da China não alterou o equilíbrio global, uma vez que nunca foi uma ditadura dissimulada. Desde o início, Xi utilizou instrumentos informacionais, não para substituir o terror, mas para melhor o direcionar. Dado que a maior parte da China, para lá das cidades mais importantes, continua a ser pobre, os custos de uma repressão dura são ainda viáveis. Nem o Afeganistão alguma vez foi — com uma taxa de analfabetismo superior a 60 por cento — um candidato provável a usar os métodos de tirania modernos.²

Mas a Rússia *era*. Na verdade, Putin foi um dos primeiros a adotar com êxito esse modelo. As suas eleições orquestradas, a manipulação dos média e a silenciosa marginalização dos seus opositores estabeleceram um padrão para outros. No entanto, no final da década de 2010, ele estava a regressar e em 2021 já estava à beira de uma ditadura do medo — como observamos nas notas 40 e 41 do Capítulo 1. Desde então, a coisa consumou-se. Quando os seus tanques avançaram para a Ucrânia, os serviços de segurança da Rússia iniciaram uma guerra doméstica, fechando os poucos meios de comunicação social livres; bloqueando o Facebook, o Twitter e outras redes sociais; e ameaçando qualquer um que criticasse a «operação militar especial» com quinze anos de trabalho forçado.

Porquê a mudança? A resposta já está no livro. No Capítulo 8, discutimos o dilema que os ditadores como Putin enfrentam quando lutam para controlar uma sociedade que continua a desenvolver-se. O que leva esses líderes a mudar da violência para a manipulação é, em primeiro lugar, o impacto da modernização e da globalização juntas. Este «cocktail de modernização» favorece a manipulação em relação ao medo — mas, com o tempo, torna também a ditadura da manipulação difícil de sustentar. É essa a história da Rússia. Nos últimos quinze anos verificou-se uma vaga de entradas nas universidades, uma rápida propagação da Internet de banda larga e das redes sociais, e um declínio da confiança nas notícias dos canais de televisão do Estado.³ Vídeos do YouTube sobre corrupção postos a circular

pelo líder da oposição Aleksei Navalny conquistaram dezenas — por vezes centenas — de milhões de visualizações, e desencadearam ondas de protesto em 2017 e posteriormente. À medida que crescia o apoio à liberdade de expressão, ao acesso à informação e às manifestações pacíficas, a taxa de aprovação de Putin afundou-se de 82 por cento em abril de 2018 para 59 por cento em maio de 2020. Mesmo os sentimentos positivos acerca dos Estados Unidos e da Europa tiveram uma tendência de subida durante sete anos antes da invasão da Ucrânia.⁴ A manipulação exige habilidade, e a equipa de Putin parecia estar a fracassar.

Chegados a este ponto, os ditadores enfrentam uma escolha: podem ir adaptando o seu jogo, como os taticistas infinitamente inventivos de Singapura, ou abandonar a manipulação e regressar à repressão pura e dura. Putin escolheu esta última.

Não foi o primeiro a fazê-lo. Na Venezuela, após a morte de Hugo Chávez, o seu sucessor, Nicolás Maduro, mascarou a sua falta de carisma com métodos brutais. Na Turquia, o presidente Recep Tayyip Erdoğan reagiu a um golpe falhado prendendo dezenas de milhares de opositores. Regressar ao medo é sempre uma jogada desesperada, sugerindo mais fraqueza do que força. Acarreta enormes custos económicos, quando o investimento internacional cai, o Ocidente fustiga com sanções, trabalhadores altamente qualificados emigram e agentes de segurança canibalizam o setor dos negócios. A economia da Venezuela ruiu, com o rendimento *per capita* a cair de 14.000 dólares americanos em 2010 para menos de 5000 em 2019, segundo as Nações Unidas.⁵ A Turquia, com um desemprego acima dos 10 por cento e uma inflação de 80 por cento, está atualmente mergulhada numa situação de estagflação.⁶ A recessão económica russa foi também impressionante — especialmente dada a rapidez com que se desenvolveu. Em vez dos 3 por cento de crescimento económico previsto antes da guerra, espera-se que o PIB caia 6 por cento em 2022 e continue a diminuir em 2023.⁷ Ao invés dos casos venezuelano e turco, a economia da Rússia está a desabar apesar dos preços elevadíssimos dos seus principais produtos de exportação, petróleo e gás.

Do ponto de vista da sobrevivência, a decisão de Putin de ir para a guerra constituiu uma aposta muito arriscada — e provavelmente um erro. Ele poderia ter feito repressão internamente sem arriscar sanções devastadoras do Ocidente e grandes baixas em combate, que têm potencial para virar a opinião pública contra si. Ficámos, como toda a gente, chocados com a invasão em grande escala da Ucrânia. Uma vez que — como mostramos

no livro — os ditadores da manipulação raramente usam a força militar, isto mostrou como Putin enveredou pelo caminho do medo. A forma como a guerra tem sido travada — com atrocidades arrepiantes, mal disfarçadas — sugere uma desafiante destruição de pontes atrás de si e dos seus colaboradores. Ao envolver o exército em crimes de guerra, Putin pode esperar silenciar os moderados, que poderiam um dia procurar regressar a um rumo mais brando.

De qualquer modo, é difícil voltar atrás. As ditaduras da manipulação baseiam-se numa ficção — que o ditador é um democrata competente e benevolente. O público ou aceita genuinamente isto ou pelo menos finge aceitar. Uma vez a ficção desmascarada, é quase impossível recuperá-la. O mais provável é um contínuo deslizamento para uma repressão mais acentuada. Putin perdeu o incentivo para agir como um homem de Estado. Alguns russos unir-se-ão em torno do nacionalismo raivoso e da retórica do ressentimento. Outros — que constituirão provavelmente a maioria, do nosso ponto de vista — serão pouco entusiásticos, mas, até que alguma crise esvazie a estabilidade, desmobilizarão pelo medo.

Na Venezuela, na Turquia e na Rússia, os ditadores regressaram à repressão. Mas outros continuam como antes. Viktor Orbán arranhou maneira [*spun*, no original; pretérito perfeito de *spin*] de obter uma nova vitória nas eleições húngaras de 2022. Os dirigentes de Singapura continuam entrincheirados. O presidente cazaque, Tokayev, rapidamente deixou para trás a violência de janeiro último. A Malásia, depois de mergulhar na democracia em 2018, regressou a algo mais lúgubre. No Azerbaijão e na Tanzânia, a manipulação continua mais relevante do que o medo.

Diversas democracias problemáticas também escorregaram nesta direção. Os presidentes Andrés Manuel López Obrador, no México, e Jair Bolsonaro, no Brasil, usaram a sua simpatia junto das massas para enfraquecer os pesos e contrapesos. No entanto, ambos encontraram resistência. Para onde cada um deles se dirige ainda está para se ver. Dois outros casos são mais desencorajadores. Na Tunísia, o presidente Kais Saied explorou a sua popularidade inicial para dissolver o parlamento e promulgar alterações constitucionais que aumentam o seu poder.⁸ Os seus agentes despejaram a estação Al Jazeera da sua sede em Túnis e removeram o diretor da estação estatal Wataniya.⁹ Numa jogada tipicamente enviesada, os procuradores de Saied investigaram opositores políticos por crimes aparentemente não políticos, tendo como alvo o antigo primeiro-ministro Hamadi Jebali por alegada lavagem de dinheiro.¹⁰ Um segundo candidato é o primeiro-ministro

da Sérvia, Aleksandar Vučić, que apurou os seus talentos como ministro da Informação de Slobodan Milošević na década de 1990. Embora a Sérvia seja ainda geralmente classificada como uma democracia, mostra sinais reveladores de degeneração.¹¹ O partido de Vučić controla as maiores estações de televisão e jornais,¹² muitos dos quais beneficiam de publicidade pública e subsídios.¹³ Estes órgãos questionam regularmente o patriotismo da oposição. Os média críticos enfrentam casos de difamação, com pedidos de reparações enormes por danos e extensas e repetidas auditorias fiscais.¹⁴

Em suma, o livro de instruções da manipulação continua a encontrar leitores. Nos últimos anos, assistiu-se ao uso frequente das técnicas que salientámos. A equipa de Orbán tem forçado estações de rádio a saírem do ar e a entrarem na Internet, ao mesmo tempo que camufla estas ações como sendo não políticas. Uma estação, Tilos Rádió, perdeu a licença por emitir palavrões.¹⁵ Uma outra, Klubrádió, não passava música húngara suficiente.¹⁶ (O governo nega a existência de qualquer censura). Não só na Sérvia, mas também noutras partes, os processos por difamação — civis e penais — continuam a ser populares. Em Singapura, dois jornalistas foram condenados a três meses de prisão em 2022 por acusarem o conselho de ministros de corrupção — falsamente, segundo as autoridades.¹⁷ A Malásia, enquanto regressava a processos de manipulação, retomou um antigo processo de difamação contra um jornalista baseado em Londres.¹⁸

Notamos, no Capítulo 2, como os ditadores da manipulação usam um fluxo constante de detenções para afastar as críticas de encarceramentos políticos. O presidente Aliiev, do Azerbaijão, fez manchete em maio de 2022 por perdoar alguns prisioneiros políticos. Mas a polícia rapidamente deteve outros.¹⁹ Como antes, os críticos do governo são acusados de um sortido de crimes não políticos; um antigo prisioneiro político e bloguista foi acusado de posse de droga. No Cazaquistão, a polícia prendeu um cidadão jornalista em julho de 2022 por ter alegadamente tentado extorquir dinheiro a um homem de negócios local.²⁰ Para desviar a atenção das suas próprias medidas duras, os ditadores da manipulação gostam de acusar a oposição de violência. A Sérvia de Vučić foi ainda mais longe na procura da simpatia pública, acusando os seus inimigos de tentarem matá-lo. Os média locais publicitaram repetidos planos de assassinio. No entanto, raramente se verificam detenções e acusações.²¹

Entretanto, ditadores da manipulação continuam a juntar-se a instituições internacionais e a manipulá-las a partir de dentro. (Os ditadores do medo também o fazem, quando conseguem.) A Turquia de Erdoğan

habilmente transformou a guerra na Ucrânia numa oportunidade. Por um lado, vendeu *drones* militares à Ucrânia e fechou os estreitos do Bósforo e de Dardanelos aos navios russos. Por outro, ameaçou vetar a adesão da Suécia e da Finlândia à NATO, a menos que extraditassem para a Turquia os opositores exilados, entre outras coisas; recusou também a impor sanções ao comércio e ao investimento russos.

Embora a União Europeia tenha utilizado o acesso aos vastos fundos de combate à Covid para pressionar, de forma incomum, a Hungria, Orbán continua a ziguezaguear para tentar passar entre os pingos da chuva. Prometeu a Bruxelas concessões em matéria de contratação pública, práticas de acusação, consultas públicas e energia.²² No entanto, nada disso ameaça o seu controlo sobre os média, os juízes e o parlamento. Nem isso impede a sua utilização de uma retórica de extrema-direita para inflamar a opinião pública. Tapando o nariz aos valores europeus, Orbán ridicularizou recentemente aquilo a que chamou as sociedades de «raça mista» do Ocidente.²³

Todos os tipos de ditadores continuam a abusar dos alertas vermelhos da Interpol.²⁴ Quase se parodiando a si mesma, a Interpol elegeu como presidente, em novembro de 2021, um general dos Emirados acusado de cumplicidade com práticas de tortura. Alguns meses depois, um tribunal em França abriu uma investigação.²⁵ Até agora, Paris não emitiu qualquer alerta vermelho em relação ao general.

E os ditadores da manipulação continuam a cultivar amigos úteis no Ocidente. Ao mesmo tempo até que se aproximava de Putin, Orbán foi espantosamente bem-sucedido ao cortejar os conservadores americanos. Em maio de 2022, a Conferência da Ação Política Conservadora reuniu em Budapeste, e, em agosto, o presidente húngaro conquistou uma ovação de pé quando se dirigiu à convenção da CPAC, em Dallas, depois de ter feito uma paragem para ir ver o antigo presidente Donald Trump ao seu novo campo de golfe em New Jersey.²⁶ Tal como Orbán, a Sérvia de Vučić está ansiosa por obter crédito por aceitar o isolamento da Rússia promovido pela União Europeia por causa da Ucrânia. O presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, foi absolutamente efusivo quando visitou o seu «querido amigo Aleksandar» em Belgrado, em maio de 2022; entre as cenouras com que lhe acenou estava uma adesão mais rápida e dezenas de milhares de milhões de dólares de ajuda da UE aos Balcãs.²⁷

Não admira que a maior parte dos ditadores da manipulação continuem a manipular e que novos estejam a surgir, mesmo se outros

sucumbem à crise e regressam ao medo. Todos estão a responder ao *cocktail* da modernização. E — tal como nós mostramos no livro — até agora nem a modernização nem a globalização se inverteram, embora possam ter estabilizado. Apesar da Covid, das disrupções das cadeias de abastecimento e da inflação, o comércio internacional permanece robusto.²⁸ A entrada nas universidades continua a aumentar em todo o mundo, à medida que a atividade económica muda da agricultura e da indústria para os serviços pós-industriais.²⁹ A utilização da Internet continua em ascensão, tendo passado de 4,1 mil milhões de utilizadores em 2019 para 4,9 mil milhões em 2021.³⁰ Estes avanços complicam a tarefa de controlar as populações pelo medo. Ainda assim, a irregularidade do processo deixa oportunidades para que democracias instáveis voltem a cair na manipulação e na dissimulação. Em países como a Tunísia e a Sérvia, que adotaram formalmente instituições democráticas em momentos de vulnerabilidade — quando os cidadãos foram mobilizados e o Ocidente estava a observar —, líderes perversos procuram regressar à manipulação.

Terminámos o livro com a pergunta sobre o que o Ocidente poderia fazer para combater os ditadores da manipulação e os de outro tipo. No momento em que escrevemos, em meados de 2022, vemos progresso em alguns aspetos, mas nem de perto suficiente. O fracasso da ciberguerra da Rússia em infligir danos relevantes ao Ocidente — ou mesmo à Ucrânia — sugere um esforço razoavelmente eficaz em matéria de cibersegurança. Mas os Estados ocidentais ainda precisam de coordenar melhor a monitorização financeira e a contraespionagem. É tempo de as grandes empresas tecnológicas pesquisarem e desenvolverem sistemas que possam proteger e potenciar a democracia global, em vez de apenas tentarem tornar os seus produtos um pouco menos tóxicos. Embora devamos responder a ditadores beligerantes com a dissuasão militar e com a força onde necessário, continuamos a dever não ter medo de nos envolvermos com aqueles que permanecem mais pacíficos. A monitorização eficaz não é alternativa ao envolvimento — é o preparativo que o torna possível.

Uma mudança-chave que destacámos era reconstruir a confiança na integridade, competência e liberalismo dos governos democráticos. É claro que isso nunca iria ser fácil. Um ano e meio depois, estamos lentamente a começar. A resposta unida e rápida à agressão de Putin impressionou os céticos. Mas os duros passos necessários para reformar as instituições internas são mais difíceis. Um ano e meio após o motim de 6 de janeiro no Capitólio dos Estados Unidos, o Departamento de Justiça parece estar a

considerar acusações contra responsáveis de topo e seus associados da administração de Trump, tanto por crimes relacionados com o motim como por tentarem perturbar fraudulentamente a certificação do voto presidencial com listas de falsos eleitores. As ações penais deste género são cruciais para dissuadir futuras tentativas de reverter derrotas eleitorais. E até mesmo alguns senadores republicanos estão aparentemente prontos para apoiar uma nova redação do Electoral Count Act, cuja formulação ameaça desencadear futuras crises constitucionais.³¹ Quando esta edição *paperback* sair, saberemos se estes passos foram, de facto, dados.

E isso é apenas um princípio. As instituições internacionais, lamentavelmente, continuam abertas ao abuso, como claramente demonstrou a Interpol. A UE *está* finalmente a reter fundos na esperança de obrigar a Hungria a respeitar a lei. Mas as redes de facilitadores ocidentais que auxiliam os ditadores continuam a ser poderosas. A este respeito, a guerra da Ucrânia foi um alerta. Putin parece ter subestimado a resposta ocidental. Convencendo os ditadores de que o Ocidente é mole e corrupto, esses facilitadores encorajam a sua agressão. A Europa mal começou a erradicar a sordidez emanada por Moscovo. Ao mesmo tempo que o primeiro-ministro britânico Boris Johnson abandona Downing Street, continuam a existir perguntas perturbadoras acerca dos laços do Partido Conservador a doadores com ligações à Rússia. Em Itália, dois grandes partidos pró-Kremlin ajudaram a torpedear a coligação do primeiro-ministro moderado e apoiante da Ucrânia, Mario Draghi, em julho de 2022.³² Em França, líderes de todos os setores do espectro político defenderam a posição de Putin, quer tenham sido motivados por afinidades ideológicas, pessoais ou financeiras.³³ Quanto à Alemanha, desde o final da década de 1990, dois chanceleres sucessivos prosseguiram uma política energética que deixou o país vulnerável à chantagem russa.

Dar sinais mistos pode ser perigoso. Depois de a Rússia ter invadido a Crimeia, em 2014, e fomentado a insurreição no Donbass, líderes ocidentais criticaram o facto em público e impuseram sanções moderadamente severas. Mas uma porção significativa da elite ocidental continua a apoiar Putin, ao mesmo tempo que minimiza a ocupação ilegal do território. É da essência da democracia que os indivíduos sejam livres de dizer o que pensam e de escolher os seus amigos. E, como nós defendemos, o envolvimento pode ser uma alavanca de mudança. Mas num mundo de manipuladores sofisticados, os estadistas proeminentes e os executivos empresariais têm de evitar ser utilizados ou mal-entendidos. Ao expor as formas pelas quais

os ditadores da manipulação sistematicamente dominam por via do engano, esperamos encorajar uma abordagem mais robusta para os dissuadir e conter. Isso continua a ser hoje mais crítico do que nunca.

Paris e Los Angeles, setembro de 2022

PREFÁCIO

Logo no início do século XXI, a política global atingiu um marco da maior importância. Pela primeira vez, o número de democracias no mundo ultrapassou o total de Estados totalitários. Quando esta «terceira vaga» sísmica atingiu o auge, os especialistas identificaram 98 países com um governo livre, comparados com os 80 ainda controlados por ditadores.³⁴ O otimismo foi contagioso. As novas tecnologias de informação, a globalização e o desenvolvimento económico pareciam dizer que tinha acabado o tempo do domínio dos homens-fortes. À medida que os países se modernizavam, a tirania tornava-se obsoleta.

Os festejos não duraram muito. De facto, mal tiveram início. Ao fim de poucos anos, o avanço da liberdade tinha-se malogrado, produzindo o que alguns rapidamente designaram como uma «recessão democrática». Uma crise financeira dramática, originada nos Estados Unidos, fez ruir a economia global, minando a fé na governação ocidental. Em 2019, o número de democracias tinha caído para 87, enquanto o de ditaduras se elevava para 92. No Ocidente, o liberalismo revelava não estar à altura do populismo, ao passo que no Oriente todos os olhos se viravam para a ascensão meteórica da China. A exuberância da passagem do milénio deu lugar a um sentimento de melancolia.

O pessimismo político de hoje é um pouco exagerado. A democracia global continua não muito abaixo do seu recorde histórico, mas os pontos sombrios apontam para um enigma genuíno. Mesmo se as ditaduras não passaram a dominar, a questão é saber como conseguem sobreviver — e até prosperar — num mundo ultramoderno. Por que razão, depois de todas as brutais insanidades do século XX — do fascismo ao comunismo — terem sido desacreditadas, continuamos a ver novas autocracias a renascer das cinzas? E o que fazer dos homens-fortes que adotam as ferramentas da

modernidade, usando as tecnologias ocidentais para desafiar a forma de vida do Ocidente?

Com a inigualada dimensão da sua população e o seu crescimento explosivo, a China tem sido apontada como o contra-argumento para a democracia liberal. O seu sucesso económico — quase não beliscado pela queda de 2008–2009 ou até pela crise da Covid de 2020 — parece contradizer a equação do desenvolvimento com um governo popular. E, no entanto, fora das metrópoles de Beijing e Xangai e dos fulgurantes entrepostos de Hong Kong e Macau, a maior parte do país permanece bastante pobre, com uma população ainda manobrável por métodos da época industrial e até mesmo pré-industrial. O enigma maior é a sobrevivência de governos não livres em sociedades afluentes, tal como Singapura e a Rússia, onde os graus universitários são mais comuns do que na maioria das democracias ocidentais. Estes casos far-nos-ão vislumbrar um futuro autoritário?

Este livro é uma tentativa de explicar a natureza das ditaduras atuais. Nasceu e desenvolveu-se a partir de uma mistura de pesquisa e experiência pessoal. Ambos passámos anos a rastrear a ascensão do regime de Putin na Rússia, através da análise universitária e da observação direta. O seu regime acabou por não nos parecer singular, mas exemplar, relativamente às tendências que estavam a moldar os Estados autoritários em todo o mundo — da Venezuela de Hugo Chávez e da Hungria de Viktor Orbán à Malásia de Mahathir Mohamad e ao Cazaquistão de Nursultan Nazarbayev. Os observadores debatem-se com o que hão de chamar a esses líderes. Alguns vão mais pela sua pantomima de democracia; outros fazem desajeitadas analogias com os homens-fortes da História, chamando «czar» a Putin ou «sultão» a Erdoğan. Vemos todos estes governantes a convergir numa nova — embora não sem precedentes — abordagem que pode preservar a auto-cracia durante algum tempo, até mesmo em cenários modernos e globalizados. A chave para isto é a ilusão: a maior parte dos ditadores escondem a sua verdadeira natureza. Assim, o primeiro passo é compreender como operam. Nos capítulos que se seguem exploramos o motivo de estes regimes terem emergido, como funcionam, que ameaças colocam, e como é que o Ocidente lhes pode resistir melhor.

O livro é baseado em pesquisa teórica e empírica que divulgámos em publicações de economia e ciência política. A nossa esperança aqui é tornar as ideias-chave mais acessíveis. Sempre que possível, apoiamos as nossas afirmações com referências a informação e estudos publicados (incluindo os nossos próprios). Aparecem diversos quadros e gráficos num

suplemento *online* em inglês, acessível via: <https://spindictators.com/docs/SpinDictators-Online-Supplement-Jan-2022.pdf>. Referimo-nos a este material na parte final dos respetivos capítulos, numa secção intitulada «Verificação das Provas».

Ao longo dos anos, muitos colegas e amigos partilharam conosco o seu pensamento acerca das ideias que aqui apresentamos. Estamos gratos a Alberto Alesina, Maxim Ananyev, Marina Azzimonti, Timothy Besley, Bruce Bueno de Mesquita, Brett Carter, Chao-yo Cheng, George Derpanopoulos, Tiberiu Dragu, Georgy Egorov, Cherian George, Lisa George, Francesco Giavazzi, Gilat Levy, Andrew Little, Elias Papaioannu, Torsten Persson, Richard Portes, Andrea Prat, Eugenio Proto, Gerard Roland, Arturas Rozenas, Miklos Sarvary, Paul Seabright, Daniel Siedmann, David Skarbek, Konstantin Sonin, Francesco Squintani, Eoghan Stafford, David Stromberg, Guido Tabellini, Gergely Ujhelyi, Qian Wang, Feng Yang e Fabrizio Zilibotti. Cevat Aksoy, Anders Aslund, Jonathan Aves, Danny Bahar, Carles Boix, Maxim Boycko, Javier Corrales, Tim Frye, Barbara Geddes, Scott Gehlbach, Susan Landesmann, Lee Morgenbesser, Peter Pomerantsev, Molly Roberts, Dani Rodrik, Michael Ross, Andrei Shleifer, Andrei Soldatov, Art Stein, Milan Svolik, Adam Szeidl, Ferenc Szucs, Michel Treisman, Josh Tucker, David Yang e Ekaterina Zhuravskaya leram o manuscrito todo ou partes dele e fizeram comentários inestimáveis, tal como fizeram dois leitores anónimos. Agradecemos a Andrei Shleifer em particular por nos encorajar a desenvolver os nossos argumentos de modo a transformá-los num livro. É claro que somos os únicos responsáveis por quaisquer erros que tenham persistido. Kevin Gatter, Nikita Melnikov e Ekaterina Nemova providenciaram-nos uma excelente assistência na pesquisa. Na Princeton University Press, beneficiámos da orientação conhecedora e do encorajamento de Bridget Flannery-McCoy, Sarah Caro (agora na Basic Books), Eric Crahan e Alena Chekanov.

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1

Medo e Manipulação

Os ditadores têm mudado. Os clássicos tiranos do século xx — Adolf Hitler, José Estaline, Mao Zedong — foram figuras imponentes, responsáveis pela morte de milhões. Puseram-se a construir novas civilizações no interior das suas fronteiras ciosamente guardadas — e por vezes em expansão. Isso significou controlar não apenas o comportamento público das pessoas, mas também as suas vidas privadas. Para o fazer, cada um deles criou um partido disciplinado e uma polícia secreta brutal. Nem todos os ditadores da velha escola foram assassinos genocidas ou profetas de um credo utópico. Mas mesmo os menos sedentos de sangue foram peritos em projetar o medo. O terror foi o instrumento de que se serviram para todos os fins.

Contudo, perto do final do século alguma coisa mudou. Os homens-fortes de todo o mundo começaram a comparecer nas reuniões envergando conservadores fatos e gravatas em vez de uniformes militares. A maioria deixou de executar os seus oponentes perante estádios de futebol cheios. Muitos voaram para a conferência anual do Fórum Económico Mundial na estância suíça de Davos para conviver com a elite global. Estes novos ditadores contrataram especialistas em sondagens e consultores políticos, encenaram programas com a participação dos cidadãos, e puseram os filhos a estudar em universidades do Ocidente. Não abrandaram o seu controlo da população — longe disso, trabalharam para conceber instrumentos de controlo mais eficazes. Mas fizeram-no ao mesmo tempo que representavam o papel de democratas.

Nem todos os autocratas deram este salto. Kim Jong-Un, da Coreia do Norte, e Bashar al-Assad, da Síria, encaixariam bem numa coleção de cromos dos déspotas do século xx. Na China e na Arábia Saudita, os governantes têm digitalizado o velho modelo baseado no medo em vez de o substituírem. Mas o equilíbrio global alterou-se. Entre os líderes das não

democracias de hoje, a figura representativa já não é a de um tirano totalitário como José Estaline, a de um carneiro sádico como Idi Amin, ou até mesmo a de um general reacionário como Augusto Pinochet. É um manipulador afável como Viktor Orbán na Hungria ou Lee Hsien Loong em Singapura — um governante que finge ser um humilde servidor do povo.³⁵

Este novo modelo baseia-se numa visão brilhante. O objetivo central continua a ser o mesmo: monopolizar o poder político. Mas o homem-forte de hoje percebe que, nas circunstâncias atuais, a violência não é sempre necessária ou até mesmo útil. Em vez de aterrorizar cidadãos, um governante hábil pode controlá-los através da reconfiguração das suas crenças acerca do mundo. Pode enganar as pessoas, levando-as à concordância ou mesmo à aprovação entusiástica. Em vez da repressão dura, os novos ditadores manipulam informação. Tal como os peritos do *marketing* político (*spin doctors*) numa democracia, eles manipulam as notícias para engendrar apoio. São *ditadores da manipulação*.³⁶

O ENIGMA PUTIN

Chegámos a este tema através de um caso particular. Em março de 2000, os russos elegeram como seu presidente um antigo tenente-coronel da KGB, com pouca experiência política. Vladimir Putin declarou aceitar os princípios da democracia, embora os seus instintos claramente o empurrassem numa direção diferente. Durante algum tempo, não foi óbvio — talvez nem para ele — para onde iria levar o seu país. À medida que a economia crescia, os seus índices de aprovação disparavam.

Putin conservou as aparências democráticas ao mesmo tempo que enfatizava a necessidade de construir um Estado moderno e coeso. Inicialmente, a centralização do controlo pareceu razoável depois da turbulência da década de 1990. Mas ele não parou, e após algum tempo as medidas que estava a tomar para fortalecer o poder executivo — o seu poder — minavam visivelmente os pesos e contrapesos. O espaço para a contestação política reduziu-se.

O aríete que irrompeu através dos constrangimentos democráticos foi a própria popularidade de Putin. Ele utilizou-a para fazer eleger apoiantes para o parlamento e intimidar os governadores regionais rebeldes. Com uma mescla de aplicação da lei e alavancagem empresarial, domou os média competitivos, anteriormente dominados por magnatas. Mesmo mantendo

a forma de eleições nacionais, ele e os seus assessores deixaram cada vez menos coisas ao acaso. Putin e o seu Partido da Rússia Unida poderiam quase sempre ter vencido uma votação livre e justa. Mas ainda usaram pressão e truques para inflacionar as suas vitórias esmagadoras.

As democracias nunca são perfeitas. Durante algum tempo, os defeitos da política da Rússia pareceram-se muito com as de outros países de rendimento mediano e medianamente livres, tal como a Argentina, o México e a Roménia. Quase todos estes Estados sofrem de corrupção, eleições manchadas e liberdade de imprensa incerta. Os líderes políticos abusam com frequência da sua autoridade sobre a polícia e os juizes. Ainda assim, estes defeitos coexistem tipicamente com alguma responsabilização popular.

Mas quando Putin regressou à presidência, em 2012, depois de quatro anos como primeiro-ministro, a cartilha por que se regia era outra. No final de 2011, uma onda de manifestações tinha varrido Moscovo e outras cidades com a acusação de fraude na eleição parlamentar desse ano. A visão de cem mil pessoas nas ruas alarmou Putin e os seus conselheiros. Ripostaram, prendendo manifestantes pacíficos, expulsando do parlamento os políticos desleais e assediando os média independentes que restavam.

Ambos observámos de perto o desenrolar deste processo. Sergei dirigia uma universidade especializada em economia em Moscovo e aconselhava o governo russo. Daniel era um professor que, no Ocidente, estudava a política pós-comunista na Rússia. Na primavera de 2013, Sergei recebeu uma visita de alguns agentes de segurança de Putin, que lhe confiscaram os e-mails e copiaram o disco do seu computador. Ele ajudara a escrever uma análise crítica da última sentença do tribunal contra Mikhail Khodorkovski, um multimilionário que tinha sido preso com base numa acusação duvidosa. Aparentemente, o Kremlin não gostou desta análise. Pouco tempo depois, Sergei mudou-se para França.³⁷

O sistema que Putin forjou na Rússia é distintamente autoritário. Mas é um autoritarismo de um tipo menos habitual. Ao invés de Estaline, Putin não assassinou milhões nem encarcerou ainda mais milhões. Até mesmo Leonid Brejnev, que liderou a União Soviética numa fase mais tardia e mais branda, de 1964 a 1982, fechou milhares de dissidentes em campos de trabalho e hospitais psiquiátricos, banuiu todos os partidos de oposição e não convocou quaisquer eleições que fossem, mesmo que ligeiramente, competitivas. Comícios da oposição estavam fora de questão. Todos os média difundiam um discurso ideológico entorpecedor. As estações de rádio estrangeiras eram bloqueadas e a maior parte dos

cidadãos estava impedida de viajar pelo mundo por uma cortina de ferro cada vez mais ferrugenta.

O regime de Putin — agora com mais de vinte anos — é diferente. Não pratica uma censura ao estilo soviético. Podem-se publicar jornais ou livros que chamam ditador ao homem que está no Kremlin.³⁸ O problema é que a maioria das pessoas não os quer ler. Nem o sistema assenta no medo, embora isso possa agora estar a mudar. Ocasionalmente, ocorreram atos de violência política, normalmente em circunstâncias obscuras. Mas o Kremlin sempre negou ter responsabilidade.³⁹ E, embora os opositores políticos de Putin estejam cada vez mais ansiosos, a maior parte dos russos não têm parecido assustados.⁴⁰ Muitos aceitaram muito prontamente a visão distorcida da realidade que os média de Putin ajudaram a moldar. As autoridades no regime comunista, com os seus desfiles do 1.º de Maio e as eleições rituais, tentaram criar a ilusão do consentimento. Sob Putin, muitos russos consentiram as ilusões.⁴¹

À medida que analisávamos o sistema que estava a emergir, apercebemo-nos de que o estilo de governação de Putin não era único. De Hugo Chávez, na Venezuela, a Viktor Orbán, na Hungria, os líderes não democráticos utilizavam um conjunto de técnicas comum.⁴² Uns quantos inspiraram-se no pioneiro desta nova espécie, Lee Kuan Yew. Desde a década de 1960, o líder de Singapura transformou o seu país num formidável modelo de controlo político. Isto pode parecer surpreendente. Singapura afirma ser uma democracia e é frequentemente tomada como tal. Realiza eleições regularmente. Mas uma inovação-chave dos novos autocratas é precisamente reivindicarem ser democratas. «Tem o direito a chamar-me aquilo que quiser», retorquiu Lee uma vez a um jornalista crítico, «mas... acha que eu preciso de ser um ditador quando posso vencer sem mexer uma palha?»⁴³ O que ele não disse foi que vencer sempre, sem mexer uma palha, era o cartão de visita de um ditador moderno.

TIRANOS DO SÉCULO XX

O que é exatamente uma ditadura? Na República Romana, onde o termo teve a sua origem, significava a outorga temporária do poder absoluto a um líder para resolver algum tipo de emergência. Hoje em dia, a palavra é usada para referir qualquer governo não democrático. Tornou-se sinónimo de autoritarismo e autocracia. É esse o uso que seguimos neste livro. Uma

democracia, por sua vez, é um estado cujos líderes políticos são escolhidos em eleições livres e justas, na qual todos — ou quase todos — os cidadãos adultos têm direito a voto. Uma democracia *liberal* combina eleições livres com o primado da lei, com a proteção constitucional das liberdades civis e com a existência de pesos e contrapesos.

Antes do século xx, nenhum Estado era plenamente democrático. Mesmo aqueles que realizavam eleições livres e justas negavam à maioria das mulheres o direito a votar.⁴⁴ Em 1900, apenas cinco países tinham sufrágio universal *masculino* — e nenhum deles era os Estados Unidos, onde os afro-americanos eram privados de direitos no Sul de Jim Crow.⁴⁵ Além de um punhado de repúblicas com sufrágio restrito, como os Estados Unidos, a maior parte dos sistemas políticos distribuía-se por três categorias: *monarquias*, nas quais um rei ou rainha governava, por vezes restrinvido por uma constituição e um parlamento parcialmente representativo; *oligarquias*, nas quais fações dos ricos governavam; e *colônias*, administradas por uma potência estrangeira.

Isso mudou no século xx à medida que a democracia se difundiu em três grandes vagas.⁴⁶ A primeira atingiu o pico cerca de 1920, quando novos Estados se desintegraram dos impérios europeus destruídos pela I Guerra Mundial e governos ocidentais liberalizaram as suas regras de voto. A segunda ocorreu entre o final da década de 1940 e o início da de 1960, quando os vencedores da II Guerra Mundial impuseram a democracia aos vencidos e as antigas colônias na Ásia e em África realizaram eleições. A terceira vaga — um verdadeiro tsunami — começou com a «Revolução dos Cravos» de 1974, em Portugal, ganhou velocidade quando o comunismo ruiu, por volta de 1990, e atingiu o seu auge em meados da década de 2000. Em 2015, mais de metade de todos os países — contendo 53 por cento da população mundial — eram democracias eleitorais, e cerca de um em cada quatro era uma democracia liberal.⁴⁷

Porém, mesmo enquanto a democracia se expandia, a ditadura não desapareceu; as duas primeiras vagas democráticas foram seguidas por reversões. Em dois períodos desmoralizadores, o governo livre pareceu sucumbir. Primeiro foram os anos 1930 — uma «década baixa, desonesta», na frase de W. H. Auden —, quando o autoritarismo varreu o continente europeu. A ditadura não apenas recuperou: metamorfoseou-se. Um quantas monarquias aguentaram-se em países como a Jugoslávia e a Roménia. Porém, juntamente com elas, emergiram novas formas de tirania que se adaptavam melhor à política de massas que a própria democracia tinha

introduzido. Durante e depois da I Guerra Mundial, milhões de veteranos e trabalhadores politicamente inexperientes votaram pela primeira vez. Fizeram-no no seguimento de uma sangria global que tinha desacreditado a crença liberal no progresso constante.

Dois novos tipos de regime — comunista e fascista — começavam a mobilizar as classes mais baixas. Cada um deles prometia uma transformação total da sociedade. Os bolcheviques de Vladimir Lenine tinham o objetivo de construir o comunismo nos restos do Império Russo. Os nazis, sob Adolf Hitler, planeavam um império ariano. Ao tomarem o poder, ambos forçaram o público a adotar uma ideologia extraída dos escritos do líder. Raymond Aron chamou-lhes «religiões seculares». Tal como as fés tradicionais, afirmavam verdades que não deveriam ser questionadas, desviavam a atenção das dificuldades do presente para um futuro utópico e definiam rituais que conseguiriam separar os verdadeiros crentes dos hereges.⁴⁸ Tanto Lenine como Hitler inspiraram imitadores pela Europa e para lá dela.

Um terceiro modelo novo — o corporativismo — visava, não mobilizar as massas para a política, mas desmobilizá-las e conquistá-las para a vida privada. Conservadores, tal como António Salazar, em Portugal, e Francisco Franco, em Espanha, quiseram restaurar o respeito social e a hierarquia católica.⁴⁹ Em vez de parlamentos ruidosos, criaram câmaras consultivas onde os porta-vozes de grupos sociais escolhidos poderiam aconselhar o líder. Como as outras duas formas, o corporativismo nasceu do descontentamento com o presente. Mas enquanto fascistas e comunistas procuravam escapar para um futuro imaginado, os corporativistas esperavam regressar a um passado imaginado.

O fascismo morreu nas chamas da II Guerra Mundial, enquanto o comunismo sobreviveu e se disseminou. O corporativismo resistiu em Espanha e Portugal, com ecos distantes em regimes como o de Juan Perón, na Argentina.⁵⁰ A segunda vaga autoritária teve início na década de 1960, quando a democratização do pós-guerra perdeu vigor. As frágeis repúblicas pós-coloniais renderam-se a homens-fortes implacáveis, enquanto o poder era tomado por juntas militares numa América Latina economicamente volátil. Nesta colheita de ditadores, alguns ambicionavam, como os comunistas e os fascistas, mobilizar o povo para um apoio ativo. Outros, como os corporativistas, procuravam serená-lo. Socialistas revolucionários como Nasser (mobilizador), no Egito, partilharam o palco mundial com reacionários adeptos do mercado livre, como Pinochet (desmobilizador), no Chile, e cleptocratas como Mobutu (desmobilizador), no Zaire. Os envelhecidos

regimes comunistas evoluíram com frequência da mobilização para a desmobilização, continuando agarrados às mesmas doutrinas revolucionárias, que se tornaram cada vez mais ritualizadas.

Como esta breve revisão sugere, as ditaduras do século xx foram diversas. Ainda assim, a maior parte compartilhou certas características. Para começar, a vasta maioria usou a *repressão violenta*. Usaram-na para reconfigurar a sociedade, para extrair recursos da população e para derrotar e desencorajar a oposição. A escala da carnificina variou. Estaline e Mao são culpados de dezenas de milhares de mortes. Alguns outros ficaram-se por «apenas» uns milhares (por exemplo, Ferdinand Marcos, nas Filipinas) ou centenas (como Chadli Bendjedid, na Argélia).⁵¹ Durante qualquer que fosse o tempo que um líder permanecia no cargo, a intensidade da violência poderia flutuar. Alguns, como o general Franco, entraram a matar; outros, como Bashar al-Assad, escalaram a matança posteriormente. De uma maneira ou de outra, a maior parte deixou um rasto sangrento.⁵²

E a maior parte foi deliberadamente público acerca da sua violência. Transformaram a matança numa forma de teatro grotesco. Alguns executaram os opositores diante de audiências maciças. Mobutu, no Zaire, por exemplo, enforcou quatro antigos ministros perante uma multidão de cinquenta mil pessoas.⁵³ Ou exibiram os corpos dos rivais para aterrorizar os seus seguidores. O haitiano François «Papa Doc» Duvalier fixou um cadáver sem cabeça numa esquina de Port-au-Prince durante três dias, com uma tabuleta onde se lia a palavra «renegado».⁵⁴ Quase todos adotaram uma retórica ameaçadora para espalhar ansiedade e desencorajar desafios. Saddam Hussein, do Iraque, falava do «corte de pescoços» e de «malfeitores... que enterraram as suas adagas envenenadas nas nossas costas».⁵⁵ Franco, em Espanha, avisava acerca de uma «subversão interna» de um inimigo que «está à espera de uma oportunidade para penetrar».⁵⁶

Ao mesmo tempo, a maioria dos ditadores do século xx procuraram ter um *controlo abrangente dos meios de comunicação pública*. Alguns baniram ou nacionalizaram todos os meios de comunicação privados. Outros censuravam a imprensa e intimidavam jornalistas. Para os cidadãos, observar as regras que regiam o discurso público, falado ou escrito, tornou-se um teste de lealdade, parte do mecanismo pelo qual os líderes mantinham a ordem. Criticar o regime era, de uma forma geral, tabu.

Tal como com a violência, os ditadores admitiam abertamente a censura. Alguns, como Hitler e Mao, queimavam livros em enormes fogueiras. Outros, como Pinochet, enviavam soldados para procederem à desinfeção

das livrarias. A União Soviética criou uma agência de censura explícita, Glavlit, para expurgar todas as emissões e publicações de tópicos proibidos. As penalidades poderiam ser brutais. Os escritores críticos desapareciam com frequência em campos-prisão. A propaganda do Estado era igualmente aberta e muitas vezes opressiva. Era produzida em departamentos de propaganda e — através da sua ubiquidade e estilo autoritário — comunicava tanto a força e a determinação do regime quanto qualquer outra mensagem particular.

Muitos ditadores procuraram *isolar os seus países*. A quarentena era normalmente incompleta; a maioria dos Estados autoritários manteve relações comerciais com os seus vizinhos. Alguns, quando pensavam que se poderiam safar com isso, invadiram-nos. Mas praticamente todos olhavam para o mundo exterior com suspicácia. Visitantes pouco confiáveis, informação inconveniente e outros contaminantes eram bloqueados na fronteira. Aqueles que se permitia que entrassem eram monitorizados. Quando a tecnologia o permitia, os ditadores bloqueavam as emissões estrangeiras e muitas vezes censuravam ou baniam os jornais estrangeiros. Muitos mantinham os cidadãos *dentro* das suas fronteiras, na esperança de limitar o conhecimento do mundo e conservar a mão de obra.⁵⁷ Na maior parte dos países comunistas, viajar para o estrangeiro requeria aprovação governamental; nalguns, como a Albânia e a Roménia, tentar emigrar sem autorização constituía um crime capital.

Por fim, embora os totalitários reiviniquem uma identificação mística com o seu povo, os principais ditadores do século xx *ridicularizam a democracia parlamentar* tal como ela é praticada no Ocidente. Muitos afirmaram estar a construir novas ordens políticas, superiores. Os mais atrevidos roubaram a própria palavra — como em «República Democrática Alemã» ou em «República Democrática Popular da Coreia» — e subverteram o seu significado, eliminando qualquer vestígio de pluralismo ou constrangimento liberal. Líderes pós-coloniais, como Kwame Nkrumah, do Gana, viram as eleições multipartidárias como um legado de imperialistas. As instituições parlamentares, disse ele, apenas tinham «caos, confusão, corrupção, nepotismo e miséria»⁵⁸ para oferecer. Mobutu, do Zaire, simplesmente declarou: «A democracia não é para África.»⁵⁹ As eleições, quando existiam, eram mais celebrações dos governantes do que momentos de escolha.

Em resumo, a maioria dos ditadores mantiveram o poder através da repressão de qualquer oposição, do controlo de todas as comunicações, da punição dos críticos, da (frequente) imposição de uma ideologia, do

ataque ao ideal da democracia pluralista e do bloqueio da maior parte dos fluxos transfronteiriços de pessoas e informação. O princípio-chave por detrás de todas estas práticas era simples: intimidação. O típico autocrata do século xx era um ditador do medo.